

Clícao
Presidencial

Recados do povo

JOSÉ NÊUMANNE

JORNAL DA TARDE

11 OUT 1994

A estatística é uma ciência muito exata, conforme mais uma vez ficou provado nesta eleições gerais. Além de sua exatidão, tem como característica uma função instrumental. Números aparentemente frios servem, na verdade, de portavozes de parcelas importantes da opinião pública de sociedades amplas, variadas e diferenciadas, como a brasileira. Os políticos brasileiros, se querem mesmo ser profissionais, precisam aprender a ler os resultados divulgados pela Justiça Eleitoral como manifestações exatas de vontade política majoritária.

Há, é claro, o grande recado dado nos resultados finais da eleição presidencial. Luiz Inácio Lula da Silva, que atravessou a fase inicial da campanha, até julho, como favorito absoluto e candidato quase único à sucessão de Itamar Franco, terminou obtendo pouco mais de um quarto dos votos válidos e menos da metade da votação de seu adversário, Fernando Henrique Cardoso, do PSDB. O recado é fácil de ser entendido. A população brasileira prefere investir seus ânimos e sua disposição num projeto de estabilização da economia, mesmo sem ter ainda a garantia total de que tal projeto manterá a moeda estável. O discurso moralista e udenista da denúncia e lamentação não é, nunca foi

e dificilmente será o apelo adequado para levar o brasileiro a votar em alguém.

Os resultados das eleições estaduais também contêm recados. Se é fato que o PT perdeu a eleição por acreditar numa onda moralista, depois do *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor e da limpeza parcial da Câmara dos Deputados, por conta das denúncias

Mendes, no Amazonas; e Miguel Arraes, em Pernambuco. Um currículo administrativo bem qualificado levou Jaime Lerner ao governo do Paraná.

A surpreendente votação obtida pelo cabo Dejair Camata no Espírito Santo dificilmente o levará à vitória no segundo turno, mas, se seu adversário, Victor Buaiz, do PT, tiver ouvidos para ouvir, já es-

FICOU PROVADO SER
APRESSADO E IRRESPONSÁVEL
AFIRMAR QUE APENAS O PLANO
ELEGEU FERNANDO HENRIQUE

contra a Comissão de Orçamento do Congresso Nacional, isso não quer dizer que a corrupção não esteve na pauta de prioridades dos eleitores. Entre o dinamismo de Levy Dias e a probidade incontestável de Wilson Martins, o eleitorado do Mato Grosso do Sul preferiu a segunda qualidade e resolveu o pleito no primeiro turno.

De modo geral, os eleitores preferiram, ainda, evitar surpresas e investir, pesadamente, em figuras conhecidas. O medo de surpresas elegeu, com votações espetaculares, líderes políticos conhecidos e já testados em postos executivos, como Divaldo Suruagy, em Alagoas; Dante de Oliveira, no Mato Grosso; Amazonino

tá sabendo que a segurança pública é uma prioridade para o eleitorado capixaba. Se tiver juízo, não vai desprezar esse recado.

No entanto, a maior surpresa das eleições deste ano aconteceu mesmo em São Paulo com a disputa em segundo turno entre Mário Covas e Francisco Rossi. O primeiro era favorito absoluto e teve a seu favor o Plano Real e a avalanche de votos depositada nas urnas para o candidato de seu partido à Presidência da República. Ou seja, ficou provado ser apressado e irresponsável afirmar que apenas o Plano Real elegeu Fernando Henrique. Se isso fosse verdade, Mário Covas já estaria, a estas alturas,

montando seu secretariado.

Sem ter adversário à altura de seu peso político, o senador deixou de ganhar no primeiro turno pelo mesmo motivo que levou a Seleção Masculina de Vôlei ao quinto lugar no Mundial da Grécia. Faltou motivação. Em nenhum momento da campanha, o favorito demonstrou o empenho que o leitor exige na conquista de seu voto.

Agora, o tucano disputa o segundo turno, iniciando o processo, mais uma vez, como franco favorito. Mas isso ocorre muito mais pelas deficiências do adversário do que por suas próprias virtudes. Se quiser mesmo ganhar a eleição, e não confirmar mais uma vez a tendência de vencer nas pesquisas e perder nas urnas, o ex-prefeito da Capital vai ter de suar a camisa como um juvenil, provando ao eleitor que ele quer disputar seu voto, e não apenas lhe fazer o favor de oferecer uma candidatura alternativa à disputa. Com uma biografia suficientemente rica para tal, Covas deve ter aprendido que a democracia é o melhor dos regimes políticos, mas também é o que dá mais trabalho.

O AUTOR

José Nêumanne,
jornalista
e escritor,
é autor de
Veneno na Veia

